



Fonte: Tate Modern, s.d.¹

O quadro que inspirou a presente edição temática da Revista de Relações Internacionais é “Meta-Esquema” (1958) do Hélio Oiticica, parte de uma série com o mesmo nome realizado entre 1957 e 1958 pelo artista.² Oiticica nunca ofereceu uma explicação para o nome da obra. Porém, o termo oferece uma pista: metaesquema remete à uma ideia de meta-estrutura, no qual as partes da estrutura são, elas mesmas, parte de uma ordem das coisas, mas também a desafiam enquanto uma estrutura formal.

De certa forma, a democracia também apresenta esse desafio àqueles que a observam, seja na qualidade de pesquisador e até mesmo de cidadão. Embora as partes disputem entre em si uma harmonia do todo, há, de alguma forma, uma meta-estrutura pela qual as relações sócio-políticas acontecem, com suas potências e frustrações. De acordo com a cientista política Chantal Mouffe, é justamente a dimensão conflitiva e antagônica que constitui as sociedades humanas. O espaço democrático seria, assim, o lugar por excelência para estabelecer uma “organização” dessa coexistência apesar de sua conflitualidade originária. Assim, a democracia como um meta-esquema: partes e indivíduos que não se harmonizam numa totalidade, mas que nos oferece uma dimensão dos desafios em se viver em um todo – que nunca deve se harmonizar por completo.

¹ Referência: T12416 (Tate Modern, s.d.). Maiores informações, ver:

<<https://www.tate.org.uk/art/artworks/oiticica-metaesquema-t12416>> Acessado em: 01 ago. 2019.

² Atualmente, este quadro que serviu de arte para chamada de artigos inéditos está no Tate, em Londres, em conjunto com outros dois dessa mesma série.

Tem-se dito que o tema da democracia nunca esteve tanto em evidência nos últimos anos, particularmente após os resultados das últimas eleições em todo o globo (no qual, poderíamos destacar a eleição de Donald Trump como paradigmática nesse sentido). De fato, vemos novas formas de pensar o político que até antes não era tão usual, como, por exemplo, o uso ativo de redes sociais e aplicativos não só por cidadãos, mas também por partes dos agentes políticos. Porém, é justamente pelo seu caráter conflitivo que a democracia é em si mesma uma pauta em disputa – e daí sua importância.

De forma geral, na disciplina de Relações Internacionais, o tema da democracia aparece tardiamente ou associado à uma lógica liberal do campo. Afinal, o surgimento da disciplina no século XX e sua preocupação nevrálgica com a ordem do tabuleiro de poder, levou que conceitos como poder e segurança fossem predominantes no campo. De forma gradual, o tema da democracia deixa de ser uma utopia a ser perseguida a ser um imperativo no tratamento e funcionamento do sistema internacional, especialmente no término da chamada guerra fria e a promessa da ordem global nos anos 90. Ultimamente, há uma sensação de que a própria democracia está em xeque, seja pela descrença na imposição externa de valores democráticos, seja pela crise de representação que muitos países vêm enfrentado.

Como o metaesquema do Oitocista, a democracia não pretende oferecer um quadro harmônico – as linhas estão tortas e não se encaixam. Mas é justamente o exercício de pensamento desta presente chamada temática: uma reflexão dos limites e potências da democracia enquanto um conceito que nos ajuda a compreender o mundo em que vivemos. Assim, apresentamos aqui os artigos de alunos de graduação e recém-formados que se propuseram a pensar corajosamente no tema a partir de diferentes lentes e campos teóricos das humanidades.

No primeiro bloco da publicação, apresentamos os artigos da presente edição especial sobre democracias liberais em crise e sua reflexão no escopo maior das Relações Internacionais. A primeira seleção de artigos diz respeito à uma discussão teórica mais ampla sobre democracia, localizando-a na sua dinâmica com a literatura de economia, ciência política, populismo e identidade. O artigo das autoras *Camilla Pereira* e *Caroline Coutinho* introduz ao assunto apresentando o complexo cenário da ascensão das mídias sociais na discussão política contemporânea. Em seguida, *João Victor Ferraz* apresenta ao debate um escopo mais refinado da relação entre Estado, liberalismo e economia, para refletir sobre o papel das democracias. *Danielle Makio* e *Larissa de Castro Nogueira* discutem a crise contemporânea relacionando-a com o surgimento do neoliberalismo e construção de identidades. Já *Francisco Luiz Marzinotto Júnior* reflete sobre os desafios dos novos instrumentos digitais para fortalecer as instituições democráticas, centralizadas na figura do seu cidadão. A autora *Giovanna Macieira Rosário*, por sua vez, identifica as condições de surgimento do populismo em tensão com movimentos globalizantes transnacionais.

Em seguida, os artigos disponibilizados sobre o tema discorrem sobre fenômenos mais específicos no tratamento da democracia e Relações Internacionais. Em especial sobre transições políticas e aberturas democráticas, *Maria Carolina Soares* tratará dos limites

e potências da literatura de justiça transicional, enquanto que *Ian Pereira Alves* se detém no caso da abertura política brasileira pela análise de jornais da época. Posteriormente, os artigos selecionados se direcionam ao estudo de casos ilustrativos para lançar uma luz sobre democracia e contemporaneidade. O artigo dos autores *Lucas Mayon*, *Clara Giffoni* e *Manuela Bispo*, em consonância à discussão sobre emergência do populismo e crise de representatividade, leem os casos húngaro e polonês a partir da análise sobre decadência democrática. Já *Ana Gabriela Reis* se debruça sobre a transição política na Tunísia, especialmente após a Primavera Árabe, para observar as contradições do avanço democrático constitucional do país. Por fim, o artigo da *Camilla Soares Alves* realiza um estudo de caso primoroso sobre os migrantes Magrebe na França, o que nos leva a refletir sobre os limites das instituições democráticas àqueles despossuídos de cidadania originária étnica. Referimos aqui à delicada situação dos solicitantes de refúgio, que se apresentam como um grupo sensível na pauta de políticas públicas atuais.

Por fim, apresentamos também artigos do fluxo contínuo da Revista que, mesmo não diretamente vinculados à edição especial, também propiciam um diálogo interessante para reflexão sobre crise e democracia. O artigo do *Lorenzo Gontijo* expõe a literatura sobre Imperialismo para problematizar a epistemologia e colonização no campo das Relações Internacionais, que levou à uma produção de mundos que privilegia determinadas culturas em detrimento de outras. Além disso, os artigos da *Luíza Macedo* e *Carolina Futuro*, ambos resultados do Programa de Educação Tutorial (PET-TEPP) do IRI/PUC-Rio, retornam à discussão sobre refúgio, observando o caso da receptividade brasileira aos solicitantes, bem como sua integração no país.

Os artigos aqui selecionados, provenientes de diferentes lugares de estudo, vão ao encontro aos pontos mais sensíveis da discussão sobre democracia (e as recentes manifestações políticas ao redor do mundo revelam como o próprio conceito é uma relevante disputa atual). Evidentemente, não quisemos aqui exaurir o tema, mas torná-lo ainda mais dinâmico na sua discussão. Pois, como o quadro “Meta-esquema” nos mostra, é a dissonância das partes, que não fecham o todo em si mesmo, mas que formam de alguma forma um esquema em comum. É justamente essa busca pelo comum que nos torna sujeitos políticos que produzem um mundo de sentidos. Dito isso, é com grande prazer que apresentamos essa edição para 2019.2, cientes que nunca se foi tão urgente discutir democracia.

Mariana Caldas

Bruno Magalhães

Editores-Chefe